

## **ESTRABÃO E A PENÍNSULA IBÉRICA: UM ESTUDO DAS FONTES.**

Lucas Augusto Borlina (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Dr<sup>a</sup> Renata Lopes Biazotto Venturini (Orientadora), e-mail: rlbv65@gmail.com  
Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

**Área e subárea do conhecimento: História; História Antiga e Medieval.**

**Palavras-chave:** Estrabão, Geografia, Península Ibérica

### **Resumo:**

Nascido em Amásia, capital do reino do Ponto, Estrabão foi um intelectual grego da antiguidade clássica que viveu sob o domínio romano durante as guerras civis e a consolidação do Principado de Otaviano Augusto. Escreveu pelo menos duas grandes obras, os *Comentários Históricos* e a *Geografia*, das quais possuímos, da primeira, apenas fragmentos, e da segunda, os 17 livros quase completos da obra. Alinhado com sua filiação intelectual grega, o autor faz na sua *Geografia* uma descrição do *oikoumenê*, isto é, o mundo habitado, contemplando características físicas, como medidas, relevos e rios; econômicas, como fertilidade e recursos; intelectuais, como desacordos entre autores a respeito de determinadas questões; e humanas, como as populações que habitam as regiões, além de esboçar um passado e um presente das mesmas. A partir da descrição dos povos da Península Ibérica, contida no *livro 3*, a presente pesquisa buscou compreender como, no auge de expansão do Império Romano, a inserção de povos que não compartilhavam do núcleo cultural greco-romano era vista, e se a *Geografia* pode ou não ser vista como propaganda do nascente regime imperial. Faz parte também desta pesquisa o estudo dos poemas homéricos, tendo em vista uma tradição intelectual que Estrabão seguia e considerava o poeta um grande sábio na composição de sua obra que, por meio do uso de alegorias, buscava transmitir conhecimentos de natureza diversa, como o conhecimento geográfico, por exemplo.

### **Introdução:**

Muito pouco se sabe objetivamente a respeito de Estrabão. A única fonte histórica da qual o historiador é capaz de tirar informações sobre a vida desse geógrafo é a partir de sua própria obra, a *Geografia* em que, eventualmente, encontramos referências que nos permitem extrair dados de sua vida, como por exemplo o local de origem e a relação de seus familiares com o poder local.

Sabemos, desta maneira, que pertenceu a uma importante família do reino do Ponto, e que membros de sua família, por um lado, ocuparam cargos de

confiança ao lado de Mitridates, rei do Ponto, e que por outro lado, teve parentes que apoiaram os romanos durante as Guerras Mitrídicas. Estima-se que Estrabão nasceu aproximadamente no 65 a.C. e veio a morrer por volta do ano 25 de nossa Era, o que significa que assistiu a partes das Guerras Civis, e assistiu também ao estabelecimento do poder imperial sob a imagem do *princeps* Otaviano Augusto.

Esse debate se estende ao conhecimento da identidade de Estrabão, desde a data de composição de sua obra até as posições do autor com relação ao estrangeiro. Existe ainda uma polêmica a respeito da natureza da *Geografia*, que gira em torno de aproximar ou não a obra do projeto imperial, uma vez que a obra mostraria os benefícios que Roma promove ao submeter territórios ao seu poder, ficando integrada em um conjunto de escritos de outros autores que cuidavam de propagar a ideologia do Principado enquanto uma restauração da paz e do bom funcionamento das instituições romanas tradicionais sob a imagem autocrática de Augusto.

Foi com o objetivo de compreender esse homem de letras do mundo grego, mas integrado politicamente ao mundo romano, que a presente investigação dirigiu a atenção. Estudando a história de Roma que compreende o tempo de vida do autor, estudando os *livros I, II e III da Geografia*, e a *Ilíada* e a *Odisseia*, tentamos cercar nosso autor com informações que dizem respeito à conjuntura de sua época, sua própria produção e o autor que ele mais admira, isto é, Homero. Nesse sentido, estudamos o contexto de produção da obra, o *livro III*, para entender como Estrabão percebia a expansão romana na Península Ibérica, e os poemas homéricos, em função de sua influência na formação intelectual do geógrafo.

### **Materiais e métodos:**

A objetividade do racionalismo e a subjetividade intuitiva, encontra uma efetiva aplicação prática quando estudamos as fontes. Trata-se do *paradigma indiciário*, processo investigativo que a partir da análise dados objetivos cheios de significado, chegamos, ou tentamos chegar a respostas coerentes a respeito de um fenômeno ou evento que não conhecemos, senão por resquícios que sobreviveram a sua própria temporalidade.

O historiador italiano Carlo Ginzburg (1991) é quem apresenta o método sob o nome de paradigma indiciário. Para o pesquisador (1991), a ideia que constitui o ponto essencial desse paradigma é a existência de zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem tornar decifrável uma realidade que se apresenta de maneira opaca.

Os pontos privilegiados sobre os quais a pesquisa centrou sua atenção foram, essencialmente, os *livros I, II e III da Geografia*, pois os dois primeiros livros são uma espécie de introdução onde são apresentadas questões gerais a respeito da “ciência” geográfica, autores anteriores, posições intelectuais do autor, e uma série de outros comentários gerais válidos para toda a obra. No terceiro livro constitui procuramos vislumbrar o pensamento de Estrabão a respeito do outro, e do processo de integração romana na Península Ibérica. Outra fonte de capital importância, como já foi dito, são os

poemas homéricos, isso porque, nos dois primeiros livros Estrabão faz uma longa defesa de Homero, situando-o como o pai fundador da geografia, e que ultrapassa, tanto na excelência de sua criação poética quanto nos conhecimentos relativos a geografia, seus predecessores e sucessores (L. I. 1, 2).

O estudo de parte da historiografia a respeito do contexto estudado nos ajudou a colocar em paralelo algumas informações que podem ter influenciado o pensamento do autor.

### Resultados e Discussão:

A historiografia contemporânea consultada nos revela o período de vida de Estrabão como um momento traumático para a história romana, onde se sucedeu um longo período de guerras, ditaduras, perseguições e assassinatos, e tendo o período de crise se encerrando com o início do governo imperial de Otaviano Augusto, no ano de 27 a.C.. O Senado continuou existindo e manteve sua importância, mas na prática, as decisões eram tomadas por Augusto, que deu ao funcionamento do Estado uma natureza diferente, mas sob a aparência de uma restauração: “Governava o Estado em sua própria pessoa, mas agia através do Senado e da Assembleia popular.” (ROSTOVTZEFF, 1983, p.164)

De acordo com Pierre Grimal (2008), neste período Roma esteve em paz e conheceu uma unidade sem precedentes, a prosperidade geral aumentou com um espantoso progresso da indústria e do comércio, e ainda se viu nascer tanto no Oriente como no Ocidente, “um culto a Roma e a Augusto, em que se encontram ligadas as duas potências pacificadoras do Universo” (GRIMAL, 2008, p.126).

Assim, da guerra à paz, vemos o período em que viveu Estrabão. O tema parece nortear também os poemas homéricos, onde na *Ilíada* temos a guerra, e na *Odisseia* um processo de volta à paz. Sabemos que, nos povos que descreveu, Estrabão notou esse movimento de pacificação, e o qualificou como algo positivo, como é o caso dos Ártabros e montanheses do norte da Península Ibérica, em que os Ártabros, apesar de possuírem uma terra rica, viviam em guerra, sendo esta causada *naturalmente* pelos vizinhos habitantes das montanhas (ESTRABÃO, L.3. 3,5).

Semelhante ao caso dos Ártabros e montanheses são os feácios de Homero, bom povo hospitaleiro e civilizado, que, quando moravam vizinhos aos Ciclopes, soriam as consequências dessa presença, e só progrediram quando Nausítoos leva seu povo para Esquéria e coloca os feácios dentro de um padrão grego de vida (HOMERO, VI. 4-10)

Podemos, assim, encontrar com relativo destaque, situações similares a respeito da guerra, paz e prosperidade na vida de Estrabão, na sua matriz intelectual e, talvez de maneira mais marcante, no decorrer de sua vida, seja as guerras Mitrídicas, que se encerram próximas ao seu nascimento, sejam as guerras civis que conturbaram Roma, que só veio a se estabilizar com a emancipação do poder individual de Augusto. Vale notar que a percepção dos tempos de Augusto como tempos de paz, ordem e prosperidade pode

ser encontrada em diversas fontes, literárias e materiais, como a *Ara Pacis Augustae*, as *Res Gestae*, as obras de Horácio, Tácito e Suetônio.

## Conclusões

É notável que na obra de Estrabão a transição de um estado de guerra para a paz e prosperidade ganhem destaque. Além disso, a mesma dinâmica presente nos poemas homéricos marca, de maneira considerável, o tempo em que viveu. A partir desses dados, buscamos investigar o valor da atividade de expansão romana com a normatização de um padrão de vida, e elaborar também, um sistema que explique os prismas analíticos pelos quais a realidade é reelaborada por Estrabão em sua obra.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer à professora Dr<sup>a</sup>. Renata Lopes Biazotto Venturini pela orientação que deu antes e durante a vigência da pesquisa. Agradeço também a Fundação Araucária por disponibilizar uma bolsa de estudos que possibilitou, dentre outras coisas, a aquisição de materiais que não foram citados aqui por conta da limitação de espaço para a composição do texto.

## Referências

### Fonte impressa

ESTRABÓN *Geografía. Libro I, II, III y IV*. Madrid: Editorial Gredos, 1991.  
HOMERO *Odisseia*. Tradução por Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HOMERO *Ilíada*. Tradução por Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2013.

### Bibliografia

GINZBURG *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras.

GRIMAL, Pierre *O século de Augusto*. Lisboa: Edições 70, 2008.

ROSTOVTZEFF, M *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.